



Radiojornal Humor ¹

Héber Augusto de Vasconcelos Dias SOARES²

Alessandro Vasconcelos BANDEIRA³

Alice Regina Pacó de SOUZA⁴

Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES⁵

Faculdade Boas Novas (FBN), Manaus, AM

RESUMO:

O radiojornal “Jornal Humor” foi produzido no âmbito da disciplina radiojornalismo do Curso de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, da Faculdade Boas Novas (FBN) como requisito para aprovação na referida disciplina. Sua proposta é aliar humor e jornalismo na formação de uma audiência maior para produtos radiofônicos noticiosos e o incentivo a uma visão crítica da sociedade, já tanto o humor e o jornalismo possuem esta capacidade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Humor, radiojornalismo, rádio.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Radiojornal (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: contatomeu@gmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email:

⁴ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: arp.souza@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: allan_soljenitsin@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

A veiculação de notícias no rádio ocorre desde que a primeira mensagem que cruzou o Oceano Atlântico pelas ondas do rádio aconteceu em 1901. Desde lá, a primeira emissão radiofônica realizada no Brasil aconteceu no dia 6 de abril de 1919 através da Rádio Clube de Pernambuco, fundada no Recife por Oscar Moreira Pinto. Três anos mais tarde, um serviço de "rádio-telefone com alto-falantes" transmitia o discurso do então presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, durante as comemorações do Centenário da Independência do Brasil. No dia 20 de abril de 1923 começou a funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a atual Rádio MEC. Criada por Roquette Pinto e Henrique Moritze, tinha como objetivo "lutar pela cultura dos que vivem em nossa terra".

As rádios existentes no Brasil (quase todas) até 1930 eram clubes, associações ou sociedades sustentadas pelos ouvintes que pagavam uma mensalidade para cada "clube" produzir e emitir, no ar, suas programações. Nenhuma emissora ficava mais do que quatro horas seguidas no ar. Era como se evitava o superaquecimento dos transmissores. Na época, existiam poucos aparelhos receptores. Os equipamentos custavam caro e eram importados da Europa e dos Estados Unidos. Esta é uma das razões de que o rádio, em seu começo, não era considerado um meio de comunicação popular. Além disso, a programação refletia o gosto da elite da época, colocando no ar óperas e conferências - algumas em língua estrangeira. Estas foram as principais atrações durante toda a década de 20 em nossas rádios.

Em 1936, Roquette Pinto, pressionado pela concorrência das rádios comerciais, doou a Rádio Sociedade ao Ministério da Educação e Cultura, com a condição de que fosse mantido o compromisso da emissora com a educação. Já na década de 20, os veículos de comunicação tinham a preocupação com a prática da língua portuguesa. A Rádio Clube Carioca, a exemplo do Jornal do Brasil, em novembro, iniciou uma série diária de lições no rádio, para corrigir os erros comuns da língua falada.

Getúlio Vargas foi quem mais influenciou a história do rádio. Desde que assumiu a presidência com a Revolução de 1930, manteve o rádio entre as suas áreas de controle direto. No período de governo do Estado Novo (1937/1945), Getúlio usou o rádio para fazer propaganda da sua ideologia política. O programa "A voz do Brasil", na época "Hora do Brasil", foi criado em 1937 para ser o divulgador oficial do governo, principalmente, dos discursos de Getúlio. Era transmitido de segunda a sexta-feira em cadeia nacional de rádio. Logo se transformou em transmissão obrigatória.



Em toda esta trajetória do rádio, um formato radiofônico esteve sempre presente: o radiojornal. No Brasil, o mais famosos deles foi o “Reporter Esso”, que apesar do patrocínio explícito de uma empresa norte-americana exploradora de petróleo, até hoje é apontado como um o noticioso radiofônico que serviu de base para a consolidação de uma linguagem própria para o radiojornalismo brasileiro. Este paper trata de um rádiojornal que herda as técnicas de produção, apresentação e veiculação consegradas ao longo da história do rádio e, consequentemente, do radiojornalismo no País, mas propõe um formato novo onde o humor e o jornalismo se misturam sem, no entanto, romper com os princípios norteadores do jornalismo.

2 OBJETIVOS

Oferecer ao ouvinte informações nacionais e internacionais de forma bem humorada e sem romper com os princípios jornalísticos da veracidade e objetividade.

3 JUSTIFICATIVA

Pode-se analisar e considerar o jornalismo como uma instituição social formada historicamente para oferecer conteúdos que tenham características de atualidade e de relevância para um público amplo e diferenciado. Tal papel é executado pelo jornalismo que conquistou uma legitimidade social para produzir uma reconstrução discursiva do mundo, com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas. A maior importância do jornalismo é que ele permite efetivamente que as pessoas possam fazer uma análise de suas ações, para que possam compreender a evolução dos processos sociais marcados por discursos exaltando a liberdade e a democracia da imprensa, demonstrando o papel do jornalismo na construção da identidade nacional. (SLAVUTZKY, 2007).

Ao longo do tempo homem vem buscando maneiras para solucionar seus problemas, resolver seus dilemas, indagar sobre suas angustias e fazendo um paralelo com a filosofia grega, "seu mero existir". Para tanto, historiadores, arqueólogos, antropólogos, dentre outros estudiosos, vêm buscando analisar de forma coesa e prática, questões que pertinem a existência humana, desde a sua formação, e são repassadas de maneira hereditária. Por mais que se tente responder estes questionamentos, ainda carecem de indumentárias mais consistentes e por isto, devem ser discutidos com mais profundidade.

O homem para resolver seus enigmas foi inventando mitos e deuses, filosofias e artes, para expressar suas idéias, sua perplexidade frente à vida. Olhar para poder penetrar os mistérios humanos e naturais. Foram os gregos que na Antigüidade criaram o teatro, a filosofia, a política e a literatura para expressar uma nova fase de descobertas, sobre o "estranho" ser humano, que sabe chorar e rir, que sofre e alegra-se. Nos famosos festivais de teatro na Helade, durante um dia inteiro, toda a população da cidade assistia tragédias e comédias, que eram "as diferentes janelas para a mesma paisagem humana", escreveu Tchekov (SLAVUTZKY, 2007).

Durante muito tempo a existência do homem foi baseada e norteadada pela religião, fosse ela politeísta ou monoteísta e por isto, detinha um caráter extremamente teocrático, sendo tudo o que acontecia de bom ou ruim na vida dos seres humanos, responsabilidade dos Deuses, aos quais os mesmos reverenciavam.

Esta maneira de interpretar os acontecimentos através da fé, era no exemplo citado acima, uma maneira de dar razão ao seu existir e de criar formas de divertir ou mesmo preencher seu tempo repetindo de maneira crítica, às vezes trágica, às vezes cômica, os fatos do seu dia-a-dia. Segundo alguns estudiosos, neste processo de formação psico-social, houve as divisões do que seria triste ou alegre, certo ou errado. Por isto que a reprodução teatral da vida cotidiana possui como se costuma dizer, "uma moral da estória" e a partir destas noções, se repete de forma cognitiva o que se aprendeu.

Por conta destes conhecimentos segundo Slavutzky (2007) nasce o conceito de uma das formas mais sui generis de se interpretar os fatos, o humor: "A palavra é latina, humor "humoris", é líquido, fluido, humores do corpo humano como o sangue, a linfa, a bÍlis, enfim as seivas da vida".

Ao se vislumbrar este conceito, entende-se que a origem e a primeira interpretação da terminologia é médica, e foi aplicada pelos gregos, cujas noções primordiais foram dadas por Hipócrates, este estabeleceu relações entre os temperamentos e reações dos seres humanos ao que ele chamou de humores, que eram os líquidos corporais. Seguindo esta corrente de entendimento, que tem sustentabilidade até o fim da Idade Média, os humores do corpo humano, ou seja, os seus fluídos, influiriam no caráter dos indivíduos, no temperamento e em outras questões pertinentes aos mesmos.

Por volta do século XVII, a palavra Humor começou a ter o significado que conhecemos na atualidade. Para Pablo Neruda, "foi em 1906 que Louis Cazamian, um jovem professor de literatura inglesa e um grande estudioso da literatura, escreveu um artigo cujo título era: Porque não podemos definir o humor". Este título, portanto, era



paradoxal e bem humorado, pois em seguida ele tenta definir o humor a partir de seu mecanismo estético.

O humorismo consiste no sentimento do contrário, provocado pela especial atividade de reflexão que não se esconde, como geralmente na arte, uma forma de sentimento, mas o seu contrário, mesmo seguindo passo a passo o sentimento como a sombra segue o corpo. Para o humorista, as causas na vida, não são nunca tão lógicas, tão ordenadas, como nas nossas obras de arte comuns. Aquele decompõe o caráter em seus elementos, mostrando as suas incongruências. O sentimento do contrário tão bem descrito por Luigi Pirandello (colocar referência) é uma das essências do humor, que permite relativizar tudo e quebra toda seriedade teórica e prática seja do que for. (SLAVUTZKY, 2007)

Considerando que o humor seja um ato de desdobramento e reflexão em um mesmo ato de concepção, e por conta disto, está involuntariamente ligado a todo sentimento, impulso, pensamento e reação que surge no humorista, e assim é descrito através de sua maneira crítica de fazer este humor, que se desdobra em seguida em um caráter contraditório e dúbio no qual, em determinados momentos, todo sim pode virar não e por vezes um não pode assumir o valor de um sim. E por isto, para alguns críticos da arte de fazer humor, esta forma de expressão não leva a sério nada, nem a si mesma.

Diante disso, é possível afirmar que com o humor e suas formas o homem aprende a viver com uma nova liberdade trazida pelo riso, e também com uma dita forma filosófica e inteligente, permissiva, na qual, através dele o ser humano ria de si mesmo e dos seus semelhantes, dos problemas e dilemas. Por isto, o humor cresceu nos últimos séculos, conquistando espaços a ponto de ir ocupando cenários e locais cada vez mais destacados nos meios de comunicação e formação de opinião, como no jornalismo. Daí a proposta de produzir um radiojornal aliando o humor e o jornalismo.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A proposta humorística do radiojornal “Jornal Humor” se materializa na sua linha editorial, ou seja, escolha das pautas, tratamento das notícias, escolha de trilhas sonoras e estilo de apresentação. No entanto, o fato do humor permear a proposta não significa que a produção do radiojornal não tenha ocorrido de acordo com os métodos e técnicas características deste formato radiofônico: “programa jornalístico que se caracteriza por reunir várias formas informativas (boletins, comentários, editoriais, seções fixas e mesmo entrevistas” (FERRARETO, 2001, p.246).



O processo de edição no rádio brasileiro compreende quatro formas (todas elas com notícias produzidas com base na técnica da pirâmide invertida): por similiaridade de assunto, por editoriais, por zonas geográficas e me fluxo de informação. No caso do “Jornal Humor”, a opção mais adequada à proposta editorial foi a similaridade de assuntos, ou seja, todas as notícias apresentadas possuem potencial para adequar-se ao formato humorístico do radiojornal. A estrutura adotada segue o modelo de Ferrateto (2001), onde são apresentadas primeiramente as manchetes, e em seguida os destaques e os quadros fixos.

Editar um noticiário radiofônico significa selecionar e ordenar as informações (PARADA, 2000). Os dois processos citados se deram tendo como base na proposta editorial do radiojornal, e tiveram como técnica de apresentação o texto machetado (FERRARETO, 2001). As matérias apresentadas no jornal, ou boletins informativos gravados, obedecem a estrutura básica: iniciam com a cabeça (introdução que resume o assunto), uma ilustração (entrevista) e o encerramento (informação complementar).

A equipe realizou uma pesquisa de trilhas sonoras e efeitos. Esse levantamento compõe uma das partes do processo de produção, que conforme Ferrateto (2001), significa pensar em conjunto todos os elementos da linguagem radiofônica: a voz, a música, os efeitos sonoros e o silêncio:

É o estudo, a seleção e a aplicação de recursos sonoros e é fundamental à elaboração de um programa radiofônico. O produtor deve possuir sensibilidade e conhecimento suficientes para utilizar o som, base do rádio, como um poderoso instrumento à sua disposição. É necessário que o produtor tenha sempre em mente que diferentes tipos de sons provocam efeitos diversos sobre o ouvinte (FERRARETO, 2001, p. 23);

As músicas, fator primordial neste documentário, e os efeitos utilizados tiveram como objetivo explorar a sugestão, criando imagens na mente do ouvinte. Esse processo foi auxiliado pelo tom e pela felexão das vozes dos locutores. “Os efeitos permitem ao ouvinte ver o que esta sendo descrito e a música possibilita ao ouvinte sentir o que se transmite” (FERRARETO, 2001, p.34). Foram utilizados quatro tipo de trilhas: característica (música que identifica um programa no início e no fim de cada bloco, no início e no fim de cada transmissão), cortina (breve trecho musical que identifica ou separa uma determinada parte de um programa radiofônico em relação ao todo), vinheta (usada quase sempre com sentido semelhante ao da característica ou da cortinam nas se diferencia por associar o texto à musica) e fundo musical – BG- (música geralmente instrumental em volume inferior ao do texto lido por um locutor ou apresentador. O BG tem função expressiva e reflexiva).



Em relação à produção dos textos, estes tiveram que atender as características do rádio, onde ele precisa articular-se com a utilização de música e efeitos. Outra preocupação foi de deixar o texto o mais claro e conciso do que o dos jornais ou da televisão (estes veículos possuem outros recursos: fotos, imagens, infográficos etc.) (PARADA, 2000). A última etapa do processo foram as gravações e a edição, que foi feito pelo técnico administrativo da FBN com acompanhamento da equipe de produção.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O radiojornal “Jornal Humor” tem duração de 15 minutos e possui um formato que compreende notícias e quadros fixos. Seguindo o modelo padrão de radiojornais, ele inicia trazendo as manchetes principais e em seguida apresenta os boletins informativos referentes a cada uma das notícias anunciadas em sua abertura. O tratamento editorial e o estilo de apresentação, com dois apresentadores utilizando a forma manchettata, tem o objetivo de dar um tom humorístico ao noticioso.

Também fazem parte do radiojornal alguns quadros fixos e a possibilidade de comentários por parte dos apresentadores sobre os assuntos abordados. Os quadros fixos são oferta de empregos (oportunidades no mercado de trabalho), curiosidades, dicas do mundo virtual e agenda cultural. Todos estes quadros foram produzidos de forma a atender ao formato humorístico do radiojornal. Os apresentadores têm liberdade para conversar com o ouvinte, fazer comentários ou até mesmo estabelecer diálogos mais soltos entre eles.

6 CONSIDERAÇÕES

Humor e jornalismo podem ser aliados na formação de uma audiência radiofônica para formatos noticiosos. Este foi a principal conclusão a que chegamos depois de produzirmos o radiojornal “Jornal Humor”, pois a capacidade de produzir reflexões críticas e repensar a realidade são inerentes tanto ao humor quanto ao jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COBRA, Marcos. **Jornalismo e Marketing: Magia e Sedução**. São Paulo: Cobra, 2000.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- SLAVUTZKY, Abrão. **A Piada e Sua Relação Como Inconsciente: A Psicanálise é Muito Séria**. Disponível em <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Slavutzky.htm/> Acessado em (28 de Dezembro de 2007).



PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Editora Panda, 2000.